

“Guilherme Peters”

Por Cauê Alves

[Texto escrito para a 8ª Bienal do Mercosul, 2011.]

A noção de território para Guilherme Peters vem dos trajetos e caminhos que ele percorre pela cidade. A experiência do artista com a urbe se dá sobre as rodas, no shape do skate. Seja por sons transmitidos ao vivo, captados por microfones instalados na parte inferior do skate, seja por desenhos traçados diretamente nas ruas, a paisagem é vivida sob a perspectiva do movimento. O perigo e a exposição do corpo são uma constante em sua ainda breve trajetória. É recorrente em sua prática a demarcação de territórios públicos ou privados. O campo demarcado, especialmente em performances em que se refere a Joséph Beuys, está previamente preparado com uma banha escorregadia que impede o movimento fluido das rodas do skate. Em outro trabalho, seu corpo atravessa arrastado por um carro toda extensão do Valle de La Muerte, no deserto do Atacama, no Chile. Há uma perseguição indireta dos limites e das fronteiras em sua obra. As ações acontecem até que os materiais envolvidos se deteriorem ou que o corpo não aguente mais. Em Tentativa de levar uma boia rosa até o horizonte, o território é demarcado a partir de uma simples corrida e a fronteira é medida pelo alcance da vista. Em Robespierre e a tentativa de retomar a revolução, Guilherme Peters interpreta um dos mais radicais e respeitados revolucionários franceses. Com um figurino típico, o artista recorre às origens do movimento republicano atual e à formação da nação contemporânea. Bem-humorado, o artista revela a impossibilidade de a utopia revolucionária prosperar num mundo em que tarefas simples e repetitivas provocam vertigem.